



miguilim

revista eletrônica do nefli

volume 9, número 3, set.-dez. 2020

REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE FRONTEIRIÇA: UM ESTUDO NA FRONTEIRA FRANCO-BRASILEIRA



REPRESENTATION AND BORDER IDENTITY: A STUDY ON THE FRENCH-BRAZILIAN BORDER

Geovane Maciel LEMOS
Kelly Cristina Nascimento DAY

Universidade do Estado do Amapá, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR

RECEBIDO EM 26/06/2020 • APROVADO EM 19/09/2020

DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v9i3.2520>

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma análise das representações sobre a identidade fronteiriça na cidade de Oiapoque, limite entre o Brasil e a Guiana Francesa, tendo como ponto de partida a ideia de que as identidades nacionais, em regiões de fronteira, podem ser híbridas e frequentemente assimilam traços da cultura vizinha. Assim, inserida no escopo da Sociolinguística, a pesquisa tem como suportes teórico-metodológicos os estudos de representação (JODELET, 2001; BOUDREAU, 2009; CASTELLOTTI; MOORE, 2002), de identidade (CANDAU, 2002; HALL, 2006) e de fronteira linguística, (VIAUT, 2004; DAY, 2013). O trabalho obedece aos princípios da pesquisa de campo, descritiva, de natureza qualitativa e interpretativa. Os dados foram obtidos através de anotações de campo, de questionários e entrevistas semiestruturadas realizadas no município de Oiapoque. O estudo realizado

envolveu 39 informantes, entre homens e mulheres, com idade entre 18 e 60 anos, residentes no município, que realizam atividades comerciais diversas. Os dados analisados apresentaram aspectos identitários voltados para uma frequente redefinição, em que identidade nacional entra em conflito com o ambiente, e as representações estão condicionadas as inter-relações intergrupais, embasando novos imaginários representativos.

Abstract

The present work aims to present an analysis of representations about border identity in the city of Oiapoque, a border between Brazil and French Guiana, taking as its starting point the idea that national identities, in border regions, can hybrid and often assimilate traits of the neighboring culture. Thus, inserted in the scope of Sociolinguistics, the research is supported by theoretical and methodological studies of representation (JODELET, 2001; BOUDREAU, 2009; CASTELLOTTI; MOORE, 2002), of identity (CANDAU, 2002; HALL, 2006) and linguistic frontier, (VIAUT, 2004; DAY, 2013). The work obeys the principles of descriptive, qualitative and interpretive field research. The data were obtained through field notes, questionnaires and semi-structured interviews conducted in the municipality of Oiapoque. The study involved 39 informants, between men and women, aged between 18 and 60 years, living in the municipality, who carry out various commercial activities. The analyzed data presented identity aspects aimed at a frequent redefinition, in which national identity conflicts with the environment, and the representations are conditioned to intergroup interrelations, supporting new representative imagery.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Representação. Identidade. Fronteira franco-brasileira.

KEYWORDS: Representation. Identity. French-Brazilian border.

Texto integral

Apesar da larga extensão das fronteiras brasileiras, primordialmente em contato com países de expressão hispano-falantes, ainda são poucos os estudos sobre as comunidades linguísticas de fronteiras no Brasil, especialmente da região Amazônica. Dentre as pesquisas existentes, um número bastante limitado trata especificamente da fronteira de Oiapoque e Saint-Georges, daí a necessidade da realização de estudos que conjuguem aspectos históricos, sociais, culturais e interacionais da fronteira franco-brasileira, como propõe a abordagem sociolinguística, de modo que seja possível dar a conhecer os diferentes compostos que configuram a região. Assim, buscamos através deste trabalho, identificar, a partir do uso das línguas em contato, a representação social da identidade fronteiriça de brasileiros e guianenses dessa região.

No cotidiano dessa fronteira, o contato é fato constante nas diversas esferas relacionais, entre as quais situam-se os âmbitos econômicos, sociais, culturais e linguísticos. Nesse sentido entende-se que as interações geram diferentes

percepções de si mesmo e do outro em ambos os territórios, visto que as trocas linguísticas podem promover também uma permeabilidade de hábitos empíricos próprios dos ambientes fronteiriços e possibilitar a geração de uma identidade com diversas referências identitárias.

Observando a relação existente na região franco-brasileira e os múltiplos processos identitários comuns a essas regiões, percebeu-se a necessidade de compreensão desses processos que podem ser observados por diferentes óticas, entre elas a sociológica, a intercultural, a antropológica, a filosófica e a linguística, uma vez que a língua é um elemento de identidade. Cada língua gera diferentes percepções, tanto dos idiomas quanto das pessoas que fazem o uso das mesmas, causando diferentes representações de si e dos outros indivíduos pertencentes ao mesmo território.

Assim, neste trabalho, apresentamos os conceitos de representação, identidade e fronteira, buscando demonstrar como estão relacionados no âmbito sociolinguístico e, a partir deles, analisamos as representações emanadas pelos informantes a propósito da identidade fronteiriça local.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O trabalho ora proposto configura-se em torno de três conceitos importantes para a compreensão das inter-relações sociais em situações de contato: o de representação, de identidade e de fronteira linguística.

O conceito de representação social surge no âmbito da sociologia de Émile Durkheim, é desenvolvido por Serge Moscovici nos anos de 1960 e aprofundado por Denise Jodelet (2001), tornando-se posteriormente tema relevante nos estudos da psicologia social, bem como, de diversos outros ramos das ciências sociais e humanas que buscam compreender as sociedades, inclusive a partir de suas interações linguísticas.

De acordo com Braz (2010, p.12) representação “é um processo elaborado na, e pela linguagem, impregnado, portanto, não de objetividades, mas sim, de subjetividades. Representar alguma coisa implica em atribuir a esta uma carga semântica; falar sobre algo é também construí-lo”. Este processo é complexo e subjetivo, pois não está ligado à realidade objetiva, mas com a subjetividade, sendo construído a partir da elaboração dos significados que essa realidade representa.

Baseado em Moscovici, Sêga (2000, p. 128) considera que,

as representações sociais se apresentam como uma maneira de pensar e interpretar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetivos e comunicações que lhes concernem.

Desta maneira, o grupo define por meio das ações convenientes aos seus indivíduos, formas de garantir a manutenção das inter-relações. Sêga (2000, p.128) explica que esse processo de indução social, de uma concepção de movimento social, “não leva em conta a “realidade” do comportamento social, mas a organização do funcionamento cognitivo de grupo” que incluem as interações com outros grupos sociais, a flexibilização sociocultural, atitudes linguísticas, preconceito em suas diversas formas e representações presentes no imaginário social.

O autor cita as formas com que o social instiga as relações sociais. Segundo ele, essa influência se dá pelos componentes estruturais no contexto concreto no qual se situam grupos e pessoas, pela comunicação estabelecida entre membros do grupo, pelo quadro de apreensão que fornece sua bagagem cultural, pelos códigos, símbolos, valores e ideologias ligadas às posições e vinculações sociais específicas (SÊGA, 2000).

Para Jodelet (1990) apud Sêga (2000, p. 129), a representação social proposta por Moscovici (1965) tem cinco características principais: (a) é sempre representação de um objeto; (b) tem sempre um caráter imagético e a propriedade de deixar intercambiáveis a sensação e a ideia, a percepção e o conceito; (c) tem um caráter simbólico e significante; (d) tem um caráter construtivo; (e) tem um caráter autônomo e criativo.

Tais características permeiam o significado de representação social, evidenciando o processo de construção ou produção de sentido, tanto no caráter individual quanto no coletivo, com colaboração do conceito de “experiência vivida”, tratado por Jodelet (2006) em artigo denominado “*Place de l’expérience vécu dans le processus de formation des représentations sociales*”, que associa a representação social e a formação de significados desenvolvidos por cada indivíduo imbricados às experiências vividas anteriormente por cada um.

Abric (1998) apud Bertoni et Galinkin (2017, p. 110-111) destaca quatro funções essenciais das representações:

- Função de saber: permitem compreender e explicar a realidade. As representações facilitam a comunicação social e permitem as trocas sociais, a transmissão e a difusão do saber do senso comum.
- Função identitária: constroem as identidades e buscam preservar particularidades dos grupos. A modulação identitária do grupo permite o controle interacional grupal, assim, a socialização e a associação possibilitam a criação de mecanismo para a proteção do grupo.
- Função de orientação: guiam os comportamentos e as práticas. Neste processo ocorre a criação dos padrões comportamentais, a partir dos contratos sociais e da ética do grupo, definindo o que não é permitido no padrão social, o tolerável e o

inaceitável, embasados nas representações por meio do processo de antecipação e expectativas.

- Função justificadora: permitem, a posteriori, a justificativa das tomadas de posição e dos comportamentos. A representação tem por função preservar e justificar a diferenciação social, e ela pode estereotipar as relações entre os grupos, contribuir para a discriminação ou para manutenção da distância social entre eles (BERTONI; GALINKIN, 2017, p. 110-111).

Calvet (1999) discute a representação a partir de duas categorias: práticas e representações. As práticas corresponderiam a aquilo que “os falantes produzem” e as representações englobariam o que eles pensam correlativamente às suas práticas.

A noção de representação vem sendo comumente utilizada também nos estudos culturais, a partir dos quais ela é entendida como um processo de criação ou elaboração de significados a partir da linguagem (HALL, 2003). Para o autor os significados estão diretamente relacionados ao uso que fazemos das coisas, dos espaços, das pessoas, etc.; em um dado contexto e função.

No âmbito dos estudos da linguagem, a representação linguística dá conta dos significados construídos em torno da língua em um espaço historicamente situado, de suas características e status frente a outras línguas (CASTELLOTTI; MOORE, 2002). Boudreau (2009, p. 81), define as representações linguísticas como “as imagens, as opiniões, os preconceitos que circulam sobre as línguas, sendo inegavelmente compartilhadas por um conjunto de locutores numa dada comunidade”. De acordo com a autora as representações remetem, com frequência, à dimensão mais restrita da língua, seja ao locutor (dimensão individual), seja ao grupo ou ainda a uma comunidade (dimensão coletiva), todos inseridos em um conjunto de relações sociais e caracterizam-se por seu aspecto dinâmico e interativo.

Nessa mesma linha, ao tratar das representações linguísticas, Nicole Gueunier (1997) salienta que com frequência as noções de representação e atitude linguísticas se confundem e ressalta que as atitudes linguísticas são posicionamentos positivos ou negativos direcionados tanto às línguas quanto aos seus usuários. Lambert e Lambert (1975, p. 100) consideram que “uma atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir a pessoas, grupos, problemas sociais ou, de modo mais geral, a qualquer acontecimento no ambiente”.

O estudo das representações linguísticas de e na fronteira representa um avanço sociolinguístico na compreensão dos processos interacionais, das diferentes identidades e representações existentes entre os povos que transitam nas fronteiras políticas e linguísticas. De acordo com Hall (2006) as transformações causam mudanças identitárias pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos quando em contato com outra cultura, gerando uma transitoriedade dupla do falante, que por vezes acaba por desenvolver uma crise identitária.

IDENTIDADES

Outro conceito importante para este trabalho é o de identidade. De acordo com Candau (2002), identidade é “um conceito polissêmico, podendo representar o que uma pessoa tem de mais característico ou exclusivo, ao mesmo tempo que indica que pertencemos ao mesmo grupo” (CANDAU, 2002, p. 31).

Identidade é o eixo entre o real e o virtual, são aqueles aspectos estreitamente ligados aos papéis sociais e ao status social que nos fazem diferentes de todos, mas, ao mesmo tempo, pertencentes a um mesmo grupo social. Para definir nossa identidade é preciso questionar não apenas o que somos, mas o que devemos ser. Pode-se considerar que a identidade faz parte de um processo dinâmico e autoconstrutivo, constituindo, portanto, um processo circular em que o resultado é a própria identidade, bem como o ponto de partida, assim ela se faz necessária para que haja um ponto de referência, algo a ser redefinido.

O conceito de identidade tornou-se complexo no decorrer do desenvolvimento humano, pois na própria dinâmica dos movimentos sociais ocorreram novas redefinições. Hall (2006) distingue três concepções de identidade tomando como referência o sujeito social iluminista, o sociológico e o pós-moderno.

A identidade do sujeito do Iluminismo considera que o indivíduo era completamente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, em que o sujeito permaneceria imutável durante sua existência. Nesta conjuntura o indivíduo reproduz o caráter individualista, desvincilhando-se das interferências causadas pelas interações sociais, “tendo como o centro essencial do eu, a identidade de uma pessoa” (HALL, 2006, p. 10-11)

O sujeito sociológico surge de uma perspectiva interacionista do sujeito no mundo moderno e suas complexas relações herdadas do período clássico. Nessa definição o indivíduo já tem a consciência de que seu eu interior não é autônomo e autossuficiente, mas construído a partir da relação com pessoas que o fazem refletir acerca de seus valores, sentimentos e símbolos, bem como, sobre aspectos culturais inseridos no meio social (HALL, 2006, p. 11). Desta maneira, nós projetamos a “nós próprios” as identidades culturais, internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, a identidade, então, alinha o sujeito à estrutura social (HALL, 2006, p. 12).

O sujeito pós-moderno compreende um sujeito que está em constante evolução, é variável, híbrido e heterogêneo. As transformações possuem caráter histórico e não biológico, a partir das quais o indivíduo utiliza sua identidade de acordo com a necessidade do momento, possuindo deslocamentos identitários causados pelas demandas sociais. A multiplicidade de identidades possíveis possibilita o surgimento de diversos conflitos, redefinindo e reconstruindo as múltiplas identidades (HALL 2006, p. 12-13).

A identidade, inserida no contexto da pós-modernidade, caracteriza-se pela fluidez e pela volatilidade; é um construto sociocultural e dinâmico e está sujeita a constantes alterações (MAHER, 1996) produzindo um “deslocando das estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência

que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 2006 p. 7). Neste contexto a identidade transforma-se de acordo com as modificações temporais, e pelo contato interpessoal.

A discussão em relação às multiplicidades identitárias ganhou destaque contemporâneo por explicar diversos conflitos sociais importantes para a compreensão da complexidade da discussão. Para Hall, “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2006, p.13), nesse sentido pode-se considerar a hipótese de que em um ambiente onde diversas línguas estão em contato constante, como ocorre em regiões de fronteira, a multiplicidade, igualmente, seja uma constante na identidade dos habitantes dessas regiões, reforçando as características mais marcantes, aquilo que as define, e por outro lado, criando traços que as identificam como moradores de uma fronteira, compartilhando hábitos, culturas, línguas, costumes e a própria identidade nacional.

As identidades nacionais, por sua vez, são apresentadas por Stuart Hall como “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (2006, p.8). Considerando os efeitos da globalização na construção da identidade, Hall (2006) define três consequências que envolvem as identidades nacionais:

(1) [elas] estão se desintegrando, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do ‘pós-moderno’ global; (2) elas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização e (3) as identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades - híbridas - estão tomando seu lugar (HALL, 2006, p.69).

Segundo Silva (2013, p.84), o processo de produção da identidade oscila entre dois processos opostos: de um lado estão aqueles que tendem a se fixar, tornando-a homogênea, concreta e estável; de outro, aqueles que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la, tornando-a híbrida e em constante evolução.

Situando o hibridismo na discussão das identidades, Silva destaca que:

“O hibridismo está ligado aos movimentos demográficos que permitem o contato entre diferentes identidades; as diásporas, os deslocamentos nômades, as viagens, os cruzamentos de fronteiras. Na perspectiva da teoria cultural contemporânea esses movimentos podem ser literais [...] ou podem ser simplesmente metafóricos. “Cruzar fronteiras”, por exemplo, pode significar simplesmente mover-se livremente entre os territórios simbólicos de diferentes identidades” (SILVA, 2011, p. 87-88).

Hall aponta que o “fortalecimento de identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros dos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas” (HALL, 2006, p.85). E quando falamos em fortalecimento das identidades locais, referimo-nos ao fato de que em uma zona de fronteira o domínio econômico é extremamente importante, pois através dele algumas relações são estabelecidas, as quais reforçam traços identitários e as identidades nacionais.

Para Day (2013, p.166) a língua, enquanto marcador identitário, também constitui um elemento delimitador de território. Desta maneira, a identidade não apenas demarca comportamentos, pensamentos, atitudes, mas o território no qual ela está inserida, reforçando a noção de identidades localmente constituídas. Ainda segundo Day (2005, p.165) “um dos parâmetros paradoxais que delimitam a fronteira política do Estado-nação é exatamente a língua, que contribui tanto para determinar a fronteira quanto é influenciada por sua presença, muitas vezes transcendendo-a”.

Nesse sentido, Guisan (2009, p.18) argumenta que “o outro preenche um papel essencial na definição da identidade do próprio sujeito; conseqüentemente, a língua do outro terá uma função primordial na delimitação do domínio da língua, já que é considerada como elemento da identidade coletiva”. Assim, a relação língua e identidade se manifesta através das atitudes e das posturas dos indivíduos para com os modelos culturais, as instituições e os grupos sociais distintos.

Vale lembrar, ainda, que a identidade é uma construção sempre relacional que depende do outro para existir (SILVA, 2006), que se sustenta na diferença e na negociação de sentidos, ou seja, ela fundamenta-se em “como os indivíduos definem, criam, ou pensam sobre si em termos de sua relação com outros indivíduos e grupos, sejam eles reais ou imaginários” (KIESLING, 2013, p.450).

De igual maneira, é importante ter claro que as identidades do sujeito, múltiplas e transitórias, são construídas e reveladas pela linguagem, pela interação social e mediadas pelas práticas sociais e linguísticas. Para Penna (1998, p. 90) “a linguagem não apenas expressa a experiência, mas antes a constitui, pois é através dela que [...] constrói uma representação da própria vida, dando-lhe significado”, uma vez que através dela nossas experiências são elaboradas, organizadas e formatadas. Assim, conforme Silva (2011, p. 81) as identidades que fabricamos no âmbito das relações socioculturais não estão previamente estabelecidas, mas resultam “de um processo de produção simbólica e discursiva”, e, pela própria natureza da linguagem, são passíveis de contestação e mudança (IVANIC, 1998).

Desse modo, as escolhas feitas de palavras e estruturas se alinham comumente àquelas de outros indivíduos que fazem uso das mesmas palavras e estruturas e inscrevem o sujeito no âmbito de um contexto social, histórico e cultural partilhado. Essas escolhas, delimitadas pelo linguístico e pelo social, por sua vez, também revelam a identidade do falante. Nesse sentido, os usos linguísticos dos falantes podem descortinar tanto percepções conscientes e objetivas quanto inconscientes e subjetivas sobre outros falantes, outros povos, outras culturas.

As zonas fronteiriças entre países caracterizam-se por constituírem ambientes multiculturais, plurilíngues e marcados pela circulação de pessoas de diferentes origens. A natureza divisória dessas regiões notadamente abre espaço tanto para o partilhamento quanto para o choque e a multiplicação de traços identitários.

Viaut (2004, p.6) apud Day (2013, p.164) define a fronteira política

como uma delimitação dicotômica porque o território que separa um país de outro parece determinar simbolicamente ‘o que se faz e o que não se faz’, ‘o que é e o que não é’, ‘o que se diz e o que não se diz’ dentro de um limite territorial, e arbitrário porque geralmente delimita de modo genérico e o traçado geopolítico não é motivado por considerações culturais que mantenham estreita relação com a língua.

No convívio social, “é a quantidade e a natureza das adesões individuais e sociais a uma mesma representação do espaço que acaba por construir um território e uma prática de territorialidade” (MÉO, 1998, p.55-56). A formação de uma fronteira simbolicamente constituída reproduz em seus habitantes, atitudes linguísticas capazes de delimitar os padrões fronteiriços presentes naquela sociedade, constituindo traços simbólicos que delimitam as relações sociais intragrupos e intergrupos, tornando-se um espaço abstrato, no sentido de que a fronteira pode ser delimitada por uma língua, cultura, uma rua ou até mesmo um rio.

Day (2013, p.164) acrescenta que não se pode esquecer que além do caráter de reivindicação territorial, a fronteira política também possui outro significado, o de lugar privilegiado onde se efetuam as confrontações interculturais, interétnicas e interlinguísticas. Assim, nas fronteiras é comum à flexibilização de culturas, línguas e comportamentos sociais, fazendo com que algumas, a contar de seus aspectos socioeconômicos e culturais, tenham maior ou menor destaque na região.

Nos espaços de fronteira entre países, a língua pode determinar a dinâmica interacional das relações, pois nesses territórios a língua possui caráter representativo. Por meio da língua uma dada população expressa suas ideias, reforça suas características nacionais e locais, tornando-as representações de sua identidade. No entanto, nessas regiões constituídas por identidades nacionais múltiplas, a identidade alimentada de Estado-Nação, muitas vezes fictícia, pode revelar-se problemática, à medida que as relações de poder não são análogas.

As regiões situadas ao longo das fronteiras têm suas próprias identidades e estas, normalmente, estão relacionadas com as necessidades e características inerentes ao contexto sociohistórico, econômico e à situação de proximidade com um país limítrofe. A fronteira, como espaço simbólico, é também fruto da capacidade de representação humana e no contexto da relação sujeito, linguagem e

mundo a noção de fronteira passa pelo olhar e pelo lugar social de quem fala e dela se apropria.

Para além da língua, é válido ressaltar, outros elementos podem representar atributos identitários em espaços contíguos, dentre eles a cultura, a religião, o idioma, as artes, comportamentos, hábitos, atitudes, gostos, preconceitos e até mesmo o jeito de vestir. Muitos desses elementos, como veremos a seguir, constituem elementos da identidade fronteiriça no norte do Brasil.

A FRONTEIRA FRANCO-BRASILEIRA

O município de Oiapoque, está localizado no extremo norte do estado do Amapá, possui cerca de 23.034 km² e faz fronteira com a Guiana Francesa, departamento ultramarino francês. A população de Oiapoque está estimada em 27.270 pessoas, segundo o IBGE (2019). Esta porção da fronteira brasileira é atípica das demais se levarmos em consideração que a Guiana Francesa é um território francês localizado na América do Sul e seu sistema político, econômico e social segue o modelo aplicado na França metropolitana, razão pela qual estabelecer relações comerciais e acordos econômicos com essa região politicamente “europeia” é um processo complexo.

Figura 1 - Mapa de localização do município de Oiapoque.



Fonte: Base Cartográfica Sirgas (2017).

No que se refere à população, ambos os lados possuem larga diversidade na constituição populacional. De acordo com o *Institut National de la Statistique et des Études Économiques* (INSEE), a população guianense é constituída por 38% de créoles, 13,6% de Bushinengue, 14,5% de indígenas, 10% de franceses metropolitanos, 4% de antilhanos, 4% de chineses, 1% de Hmong e outros 32% de diferentes nacionalidades. A população de Oiapoque, por sua vez, é formada

basicamente de brasileiros índios e não índios, porém com um alto índice de migrantes oriundos de diversas partes do país.

Oiapoque e Saint-Georges são cidades fronteiriças separadas por um rio. O deslocamento entre os territórios ocorre de duas maneiras: a primeira é através do Rio Oiapoque, que possibilita o deslocamento do porto da cidade de Oiapoque para Saint Georges, em aproximadamente 15 (quinze) minutos, através de catraias - transporte fluvial que tem capacidade de comportar em média 10 (dez) pessoas. A travessia custa cerca de vinte reais por pessoa, ida e volta.

A segunda possibilidade para deslocar-se entre as fronteiras fica por conta da Ponte Binacional, construída com o intuito de integrar os povos e promover a economia entre os dois países. A ponte viabiliza o transporte de mercadorias, o turismo e a passagem de veículos, tornando-se símbolo do desenvolvimento regional e da união entre o Brasil e a Guiana Francesa.

Figura 2 – Ponte binacional Brasil-Guiana Francesa



Fonte: portaldoamapá.com.br (2017)

Importa destacar, no entanto, no âmbito deste trabalho, que embora Brasil e Guiana Francesa partilhem 655 km de fronteira, mesmo depois da arbitragem suíça que delimitou os limites entre os países, as relações nem sempre se mostram amistosas e refletem as tensões, os conflitos e os preconceitos socioculturais entre as comunidades. A construção da ponte binacional, planejada para integrar a região e consolidar a cooperação transfronteiriça tem alterado significativamente a dinâmica dos arranjos sociais até então estabelecidos (PORTO; SILVA, 2009). As relações desiguais no controle de circulação de pessoas entre as fronteiras parecem acirrar uma frequente animosidade entre as comunidades vizinhas e afeta a própria percepção das relações fronteiriças, conforme poderá ser observado nos próximos tópicos deste artigo.

ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Este trabalho é fruto de uma pesquisa qualitativa, descritiva e de campo, para a qual foram utilizados como instrumentos de pesquisa um questionário e uma entrevista semiestruturada. A coleta de dados consistiu em três momentos: (1) abordagem, solicitação e consentimento do informante, (2) a resposta ao questionário sociolinguístico e (3) a entrevista propriamente dita. Esta última tinha o objetivo de coletar dados que pudessem expressar um prognóstico das representações sobre a identidade fronteiriça na cidade de Oiapoque, na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa.

Assim, foram trabalhadas questões que versavam sobre a percepção da identidade brasileira e fronteiriça, bem como sobre as diferenças entre brasileiros e guianenses. Para tanto, foram elaborados 3 (três) perguntas abertas e 2 (duas) questões para completar, são elas: 1 - O que significa ser brasileiro para você? 2 - Como você define o brasileiro da fronteira Oiapoque/ Saint-Georges? 3 - Os guianenses são...; 4- Os brasileiros são; e 5- Na sua opinião, o que diferencia o brasileiro do guianense da fronteira franco-brasileira?

Para este estudo foram entrevistados 39 munícipes, entre homens e mulheres, com idade entre 18 a 60 anos, que habitam no município de Oiapoque, trabalhando em diferentes atividades laborais no município. Dentre os informantes havia: vendedores, mototaxistas, catraieiros, gerentes de lojas, recepcionistas, domésticas, garçons, agente de turismo, aduaneiro, carregadores, mecânico, gerente de vendas e empresários. A diversidade de cargos e funções, de idades e de gêneros possibilitou fazer uma leitura mais ampla dos dados observados.

Para a realização da análise adotou-se o método da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011) que inclui a transcrição e análise do conteúdo das entrevistas (gravam-se as entrevistas, procede-se a transcrição e digitação das mesmas, em seguida, faz-se a classificação das informações, como “possíveis leituras”, na associação dos temas), bem como o recurso da categorização, definida por Minayo, (1999, p.117) como “uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia) com critérios previamente definidos”.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Para apreendermos as representações a respeito da identidade fronteiriça na região de Oiapoque, analisamos o conjunto das respostas por pergunta feita e as dividimos em conteúdos semânticos aproximados e distintos. Para a primeira pergunta, *o que significa ser brasileiro para você?* buscou-se depreender a representação do ‘ser brasileiro’ no âmbito das identidades nacionais. Identificamos um primeiro bloco composto de doze (12) respostas (12) apontando para uma apreciação e não para uma definição, assim, ser brasileiro é definido

como *bom, muito bom, legal, coisa boa, é tudo, é importante e melhor país do mundo*. As justificativas para tais afirmações se constroem em diversas representações e traços identitários que buscam reforçar a qualidade de ser brasileiro em um contexto onde essa noção parece estar em questionamento constante, uma vez que no lado oposto o brasileiro é visto de modo depreciativo. Associados a esses termos alia-se: *pessoa bacana, pessoa solidária, humilde, bom de coração e pessoa desprovida de tudo, gosto de ser brasileiro*. Da mesma maneira constatamos representações (3) referente ao Brasil como sendo um *país democrático*, onde os habitantes possuem *benefícios e a população brasileira é pacífica*.

Através das informações citadas, podemos destacar que a população brasileira residente em Oiapoque busca reforçar elementos de sua brasilidade, visto que, no contexto fronteiriço, alguns termos que remetem ao nacionalismo foram acentuados. Porém, quando o informante diz “*(ser) brasileiro é bom, mas a gente mora numa fronteira, as coisas se torna mais fácil*”, a presença do *mas*, por sua vez, introduz uma informação de que o “ser brasileiro” parece ser facilitado pelo contexto da fronteira, pelas facilidades que a fronteira proporciona, o que indica uma forma inconsciente de dizer que ser brasileiro em outros contextos pode não ser tão bom quanto afirma-se no primeiro momento.

Da mesma forma ocorre em “*é legal, a gente tem vários benefícios, mas infelizmente a política impedem da gente (...) chegar mais a frente nos objetivos*”, ou seja, o *mas* carrega o elemento negativo do ser brasileiro. Além disso, outros elementos do texto se contrapõem as vantagens de ser brasileiro. A percepção do sujeito *pagador de dívida*, como aquele que *morre pagando imposto*, remete a outros aspectos da nacionalidade que se estendem para a cidadania e a posição do indivíduo como cidadão social, porém com mais deveres que direitos.

No segundo bloco de respostas analisadas, para a questão inicial, quinze (15) no total, destacamos aquelas que se relacionam às qualidades apontadas como inerentes ao brasileiro. Nele os informantes descrevem ‘o ser brasileiro’ como: *Trabalhador, guerreiro, honesto, educado, honrado, digno, lutador, valente, orgulhoso, aquele que batalha sempre e nunca desiste*. A adjetivação empregada e repetida pelo grupo reforça a ideia de uma representação estereotipada de uma identidade fixa do brasileiro construída em torno da ideia que *todo brasileiro é trabalhador, persistente, valente, orgulhoso, alegre, prestativo, feliz*, o que não se sustenta, porém, ao longo do discurso, à medida que outros elementos são incorporados à entrevista e que na confrontação com a identidade do outro, o positivo e o negativo ganham espaço.

Dentre as características supramencionadas do ‘ser brasileiro’ no contexto fronteiriço observa-se que ser reconhecido por suas qualidades de trabalhador, por sua força de trabalho surge como um designativo fundamental. Na complexa relação entre representação e identidade, o trabalho reflete o movimento social causado pelas interferências socioeconômicas, em que a necessidade de trabalhar revela-se uma das características identitárias marcantes de um brasileiro nessa fronteira, para o qual a busca de trabalho no território vizinho, pelo salário em euro, torna-se uma característica identitária, marcada na representação que os brasileiros fazem de si próprios, como “trabalhadores”.

Nesse cenário, cabe resgatar o caráter constitutivo que o trabalho assume para o ser social (NETTO; BRAZ, 2006), afetando diretamente os sujeitos e a sua organização. As ciências sociais têm mostrado que o trabalho ocupa lugar de centralidade na vida das pessoas e afeta diretamente a autoimagem dos sujeitos ao longo da vida. Nesse sentido o valor do trabalho e as normas sociais implicadas afetam diretamente o papel social e a identidade do sujeito. Para Barroco (2006, p. 26), como atividade coletiva, o trabalho “só se objetiva socialmente” e “de modo determinado”, dando respostas às necessidades sociohistóricas e produzindo formas de interação humana.

Destaca-se ainda que as regularidades expressas nos discursos sociais tendem a manter e a reproduzir esses mesmos discursos tornando-os práticas expressas e presentes no cotidiano. A representação social do trabalho é produzida, tanto pela dinâmica das relações sociais quanto pela linguagem em uso na sociedade, tal qual pode-se depreender dos discursos fronteiriços.

Finalmente, um terceiro bloco de respostas, seis (6) ao todo, apresenta a configuração canônica de nacionalidade que remete a lugar de nascimento. As respostas mais comuns foram: *ter a nacionalidade, ter nascido no país, é o país que eu nasci*. Para alguns o local de nascimento não deixa margem para questionamentos da identidade nacional, nesse contexto, para ser brasileiro basta ter nascido em alguma parte do território nacional, *ser brasileiro é uma nacionalidade, se nasceu no País Brasil você é brasileiro*, demarcando uma concepção existencialista da nacionalidade e iluminista da identidade.

Por outro lado, a expressão *ter direito de ir e vir*, vinculado a noção de nacionalidade, relaciona-se às limitações que a fronteira impõe. Assim, ser brasileiro nessa fronteira é desfrutar de um espaço territorial em que o direito de ir e vir está assegurado, pois na fronteira oposta é a ausência da nacionalidade que o impede de ir e vir. A prática da territorialidade e a representação do espaço fronteiriço, conforme explica Meo (1998), está na base da noção da nacionalidade brasileira nesse contexto. O não *poder ir e vir* livremente na fronteira, fruto de uma vivência empírica e elaborado no plano cognitivo, reforça o valor do espaço nacional.

Nessa mesma linha, alguns depoimentos (3) correlacionam o ser brasileiro às dificuldades encontradas com o território vizinho: IF04-*Relação de desigualdade em relação aos guianenses*; IF16- *Aqui na fronteira é muito mais complicado do que parece*; IF21- *Aqui no Oiapoque tá ruim pra gente viver, o trabalho aqui, não pode trabalhar, a polícia fica em cima direto, a gente vai pro garimpo aí a gente fica cada vez mais acuado*. Essas respostas ressaltam situações de desigualdades nas relações de reciprocidade, dificuldades de entrada no território contíguo, em obter atividades remuneradas legalmente, etc. tais percepções resultam do processo de construção de sentido, elaborado coletivamente e fruto da experiência vivida, conforme explica Jodelet (2006).

O segundo item do questionário consistia na pergunta: *como você define o brasileiro da fronteira Oiapoque/ Saint-Georges?* Nesse caso, a pergunta busca entender como a comunidade se percebe correlativamente ao contexto em que se encontra. Com as respostas, pretendeu-se identificar as representações relativas à

identidade fronteiriça dos moradores, ou seja, de que modo a fronteira está presente no pertencimento ao local. Dentre as entrevistas realizadas, foi possível, de acordo com as respostas, evidenciar 3 apontamentos distintos: (1) diversidade populacional, linguística e cultural, (2) privilégio e desprendimento e (3) desigualdade.

No que diz respeito à diversidade populacional, os informantes compreendem que ser fronteiriço é conviver com uma população múltipla, oriunda de diversas partes do país e do mundo, conforme se observa nos depoimentos abaixo:

IF01- (...) *não é só nós que vem daqui da região do Amapá. Tem gente que é do Pará, tem gente que é do Maranhão, tem gente que vem de vários lugares, interiores;*

IF04 - *Misturas de etnias e nacionalidades, de fluxo, oportunidades de trabalho, vida regrada e agrega diversas populações;*

IF32- *Um brasileiro como qualquer outro brasileiro, a diferença é que na fronteira tem contato com pessoas de outras nações, franceses, uma série de pessoas de outros países.*

IF26 - *Diferentes nacionalidades, trabalhador e procuram melhores condições de vida.*

As respostas demonstram a consciência da diversidade formadora da população. Essa diversidade é também percebida em diferentes aspectos, entre eles a linguística, étnica e sociocultural, aspectos que permitem compreender e explicar a realidade.

Identificamos diversos traços identitários provenientes das explicações feitas pelos entrevistados, bem como a construção da representação das populações que circulam na região, significando que as pessoas já estão habituadas com o ambiente múltiplo, tornando a convivência mais flexível ao aprendizado e à circulação de novas línguas, abertas às possibilidades fornecidas pela fronteira. O acesso a novas culturas é bem visto, principalmente a europeia, pois na contramão do composto social, o comportamento dos indígenas é rotineiramente descrito negativamente, a representação dos europeus é tida como status de prestígio, já a indígena, em contrapartida, é vista com menosprezo.

O segundo aspecto que aponta representações do brasileiro da fronteira é aquele que o define como um trabalhador privilegiado:

IF08 - *Eu acho que no meu ponto de vista que o brasileiro que mora aqui, porque aqui é lugar que é bom de se morar tudo é fácil, a gente que trabalha no fluxo de catraia ida e volta, todo mundo trabalha e ganha dinheiro, o seu dinheiro rapidinho, nas outras cidade grande é difícil.*

IF11 - *Eles têm várias oportunidades de emprego do que em outros lugares, tem muitas chances de emprego, uma vida melhor.*

IF13 - *Sortudo, é um lugar bacana de se viver, é tranquilo, não é muito perigoso.*

IF16 - *Esforçado, trabalhadores, esperançoso e aguniado*

IF18 - *Muito bem, é um privilégio grande porque nós estamos na fronteira na beira de outro país que se tem todo uma moeda mais forte, vizinho de um país que tem o poder aquisitivo maior.*

IF20 - *É um brasileiro abençoado pelo sentido de que morando no Brasil nós temos a possibilidade de poder aprender um outro idioma, poder conhecer de uma outra cultura e poder tá aqui na fronteira do Oiapoque extremo norte do Amapá a gente tem o privilégio de morar na única fronteira que faz fronteira com a Europa.*

IF22 - *Trabalhador e digno*

IF28 - *Somos abençoados graças a Deus a gente tem essa vida aqui longe da violência aqui é o paraíso.*

IF29 - *Trabalhadores, esforçados, são pessoas que buscam oportunidades de emprego no Oiapoque.*

Nas respostas obtidas verificou-se que o brasileiro da fronteira é visto principalmente como um sujeito trabalhador que busca melhores condições de vida, razão que o fez sair de sua cidade natal para viver em uma zona fronteiriça, assim o termo trabalhador aparece relacionado a termos como: esforçado, digno, lutador, em busca de oportunidade de emprego, termos que reforçam a concepção de trabalho como aspecto fundante da vida social (MOW, 1987). A região é descrita como região de trabalho e as oportunidades de emprego são vistas como maiores que em grandes cidades, fator que desperta perspectivas tanto na esfera brasileira quanto na fronteira oposta. Nesse mesmo sentido, o brasileiro da fronteira franco-brasileira percebe-se como um indivíduo privilegiado, pois convive com pessoas de vários lugares, ganha seus proventos 'facilmente', tem seu poder aquisitivo aumentado em função do euro, desfruta de muitas possibilidades de trabalho, vive em um lugar tranquilo, hipoteticamente menos violento e onde pode aprender uma outra língua e conviver com outra cultura.

Analisando as escolhas lexicais feitas para definir o brasileiro da fronteira observa-se que os informantes delimitam a representação tanto através da diferenciação, quanto pela generalização. O brasileiro fronteiriço se constrói de modo generalizante por ser *alegre, trabalhador, esforçado, esperançoso, lutador, um brasileiro como qualquer outro*, mas também como *carentes, agoniados e desvalorizados*. Por outro lado, o brasileiro da fronteira franco-brasileira se diferencia das demais fronteiras brasileiras, (1) linguística e culturalmente: *nós temos a possibilidade de poder aprender um outro idioma, poder conhecer de uma outra cultura e poder tá aqui na fronteira do Oiapoque, extremo norte do Amapá; a diferença é que na fronteira tem contato com pessoas de outras nações, franceses, uma série de pessoas de outros países;* (2) espacialmente: *a gente tem o privilégio de*

morar na única fronteira que faz fronteira com a Europa; e (3) economicamente: nós estamos na fronteira, na beira de outro país que se tem (...) uma moeda mais forte, vizinho de um país que tem o poder aquisitivo maior;

Para além dos aspectos semânticos depreendidos, o uso das construções “o brasileiro é” e “nos somos, nos semo, a gente é” em contextos semelhantes denota que o primeiro remete a categoria generalizante na qual o fronteiriço se insere como brasileiro. Em contrapartida, o emprego do *a gente é* e *nós somos/semo*, mostra-se restritiva e só aparece em contextos específicos referentes à fronteira: *morando no brasil, nós temos a possibilidade; a gente tem o privilégio; é ótimo porque não é só nós que vem daqui da região*; termos que delimitam uma separação categorizadora entre o *ser brasileiro* e o *ser um brasileiro da e na fronteira*.

O terceiro item do questionário buscou registrar a representação do guianense a partir da finalização da assertiva “os Guianenses são”... As respostas obtidas foram separadas por declarações essencialmente positivas (17), negativas (7) ou que reunissem tanto opiniões positivas quanto negativas (11), conforme discriminado no quadro abaixo.

Quadro 1 – Os Guianenses

| Positivas | Negativas | Positivas e negativas |
|---|---|--|
| <i>Festivos, vestimentas coloridas (2x)</i> | <i>Farristas (1x),</i> | Não são trabalhador, fazem lotação (filhos), educados, não são igual aos brasileiros ; |
| Mais educados(1x), educados (4x), atenciosos (2x), | <i>Grosso, egoísta, mal educado(1x)</i> | <i>Mais ou menos educado, tratam super legal, gentil, trato bem, educados, saúdam as pessoas e alguns são malandros,</i> <i>Gentil, educado, autoritário e atenciosos</i> |
| <i>Parceiros (2x), companheiros, amigos, irmãos,</i> | | <i>Tens uns que são bacana, tem uns que são ignorante, tem uns que são rude, tem uns que só querem pisar e ser melhor que o outro</i> |
| <i>Respeitadores, honestos, fechados</i> | <i>Desconfiados, arrogantes(1x),</i> | Ignorantes, bacanas, tem uns brabo, rude, diferentes, honestos e pontuais se eles acertam algo eles cumprem |
| <i>Patriotas</i> | | <i>Vizinho e preguiçoso</i> |
| <i>Bons, gente boa, pessoas boas, Curiosos</i> | <i>Superior a nós, não gostam de outros povos, racistas (1)</i> | Educados, atenciosos, salientes e consomem mais que os brasileiros ; |
| <i>Altos (2x)</i> | <i>Fedorentos (4x), sem higiene (1)</i> | <i>aparência, perguntam a localização, vestimentas e fedorentos</i> |
| <i>Contidos nos gastos</i> | | |
| Pessoas educadas, pessoas que contribuem com o | | |

| | | |
|-----------------------------------|---|----|
| <i>município, com a economia.</i> | | |
| 17 | 7 | 11 |

Elaborado pelos autores

Observou-se, a partir do quadro, que as características atribuídas aos guianenses podem ser organizadas em cinco áreas: comportamento, higiene, fenótipo, comunicação e economia. O guianense é positivamente representado principalmente como *educado*, termo que vem associado a outros que definem o comportamento *como respeitadores, honestos, companheiros, gentis, tratam bem as pessoas, saúdam, etc.*; além disso, a economia exerce papel importante, embora só apareça em dois depoimentos (*guianenses são contidos nos gastos e contribuem com a economia do município*), o contexto indica que os termos *companheiros e parceiros* também remetem a uma perspectiva socioeconômica.

Fica demonstrado no próprio dizer dos informantes que a economia se tornou um fator preponderante na fronteira, consolidando cada vez mais o modelo socioeconômico que existe na região. A inter-relação estabelecida entre fornecedor e cliente ajuda a representar o guianense como pessoa portadora de boa educação, de alto poder aquisitivo que transforma inclusive a língua francesa em língua de prestígio na região. Assim, pode-se dizer que esta representação está diretamente condicionada pela relação oferta-procura que subjaz às boas recepções e cordialidades de ambas as nacionalidades.

As representações, nesse cenário, assumem o perfil da função orientadora (BERTONI; GALINKIN, 2017), de modo que o indivíduo que se insere no contexto logo passa a identificar quais padrões deve possuir para ser aceito no grupo social mais dominante e assume o comportamento intergrupar. Como exemplo, indicamos as pessoas que chegam para trabalhar no comércio local e ao observar que uma não adequação aos padrões comportamentais esperados por sua maior clientela ou o desrespeito às relações já consolidadas entre os grupos pode resultar no insucesso de seus objetivos socioeconômicos, buscam adotar novas práticas, inclusive linguísticas.

Quando se observam os traços representativos negativos, em percentual menor, apenas 7 informantes fizeram depoimentos apenas negativos, destacam-se os termos: *fedorentos, arrogantes, desconfiados, mal-educados e racistas*, que remetem ao comportamento sociocultural, a características individuais e aos preconceitos característicos das representações. Esta reflexão toma por base um fator extremamente importante, a representação cultural e o estranhamento causado pela mesma, bem como a cultura expressa em atitudes que geram desconforto nos grupos que não compartilham dos mesmos padrões comportamentais ou conhecimento empírico, conforme explica Hall (2003).

Coloca-se em evidência nos depoimentos a representação atribuída a uma certa identidade da população guianense, que supostamente se considera superior à população brasileira, evidenciando racismo, comportamentos xenofóbicos, inferiorizando as mulheres brasileiras, considerando-as prostitutas e os homens como mau caráter. Isso reforça o argumento de Candau (2002), ao explicar que a

identidade pode estar representada por aquilo que uma pessoa, ou um grupo, tem de mais característico ou exclusivo, seja ele um aspecto positivo ou negativo.

Tanto as ideias positivas quanto as negativas já exploradas aparecem reforçadas nos depoimentos que reúnem as duas apreciações. Essas representações que compõem a média de depoimentos positivos e negativos parecem consolidar as imagens socialmente elaboradas sobre o vizinho fronteiriço. Corroborando a perspectiva relacional da identidade (SILVA, 2006), tais explicações ressaltam o conhecimento e a vivência diária, sendo um meio movimento dentre os que consideram os guianenses totalmente bons ou totalmente ruins, meio termo para qualificar os processos representativos. Aqui a representação está baseada na inter-relação, movimento que possibilita o relato mais estruturado dos grupos sociais, de modo que parte das interações representam dualidades, perpassando o caráter representativo evolutivo, pois há reconhecimento intergrupar das diferenças e afinidades, tal qual assevera Sêga (2000).

Para o quarto questionamento, visando apreender a autodescrição representativa, juntamente com a descrição identitária do brasileiro, utilizamos a mesma metodologia empregada na questão anterior, separamos as respostas baseadas em componentes positivos (18), negativos (4) e duplamente negativos e positivos (13), nem todos apresentados no quadro.

Quadro 2 – Os Brasileiros

| Positivas | Negativas | Positivas e negativas |
|--|---------------------------|---|
| Acolhedores (2), humilde , receptivo (2), prestativos, hospitaleiro , | Inseguro, tímido | Bacanas , <i>ignorantes</i> ; Abestado , receptivo , felizes e humildes |
| Resistentes | Meio brabo | <i>Mais informado, não é hospitaleiro, é tudo safado, não se interessam por todos, só por ele;</i> |
| Trabalhador (8), mão de obra qualificada, bons de trabalho, lutador | | Trabalhador 50%, o resto é <i>vagabundo e pessoas de fora</i> ; |
| Proativo | | Educados, mal, gentis, mal educados, indiferentes |
| Super legal , bacana, trata bem as pessoas (2), amável , atencioso (2), | Sem paciência, estressado | Mal educado , gentil, educado, <i>autoritário</i> ; Bons, tem um ruim também, ignorante ; |
| Feliz (2), bem humorado | | <i>Tem uns bons, tem uns mal</i> |
| Corajoso , | | Tem alguns que são cordiais e outros que querem ser tratados como turistas |
| Pacífico, peessoas boas , | | <i>Tem uns que são legal, bacana, tem uns que querem ser melhor que o outro</i> ; |
| Misturados (claros, morenos, baixos) | | |
| Patriotas | | Se acham por falarem o |

| | | |
|----------------|--|---|
| | | <i>“enroles”, mistura de gente (etnias) muitas pessoas que não são daqui, busca de garimpos, atividade de maior representação ;</i> |
| Amigos, | | |
| Educado | Mal-educados (2), ignorantes, Tem que melhorar na educação ; | Educados, sociáveis, baladeiros, trabalhadores e bagunceiros ; Bons, educados e preguiçosos ; |
| 18 | 4 | 13 |

Elaborado pelos autores

De forma geral a representação mais latente do brasileiro da fronteira está associada ao trabalho e ao conjunto de atributos igualmente pautados nele: *trabalhador, bons de trabalho, mão de obra, resistentes, resilientes, prestativos, corajosos, parceiros, colegas, esforçado e lutadores*. Como já citado anteriormente, características aliadas ao trabalho fazem parte do repertório descritivo dos brasileiros e realçado na região da fronteira franco-brasileira.

Outro marcador que pode indicar correlação com o ambiente analisado é a receptividade, assim como outras palavras igualmente utilizadas: *acolhedores, alegres, tratam bem as pessoas, bem-humorado, respeitam os outros, pacífico, amigo, pessoas boas, sabem receber imigrante, hospitaleiro, aconchegante e atenciosos*. Observa-se que a população brasileira é também identificada por sua receptividade, amabilidade, hospitalidade, aspectos que no ambiente fronteiriço, dados os conflitos existentes em torno das relações desiguais de entrada no país vizinho, se mostrem mais marcados, em especial, se considerarmos que a identidade também se demarca pela diferença com o outro, conforme poderemos observar posteriormente na questão 5.

Quanto aos aspectos negativos dos brasileiros, embora poucos tenham feito apenas apreciações negativas, verificou-se que os brasileiros se auto descrevem em um ambiente hostil e estressante, em que definem o brasileiro como mal-educado, estressado e ignorante, além de inseguro.

Tal qual na definição dos guianenses, na média das opiniões, aquelas que acolhem a maioria das representações, o brasileiro é percebido principalmente como um sujeito *trabalhador, acolhedor, feliz e bem-humorado, mas que também é mal-educado, as vezes bom e as vezes mau*. Dosando as qualificações, buscando equilíbrio entre os termos, os informantes usam expressões do tipo modalizador: meio, tem uns, outros/outros e varia de pessoa para pessoa, terminologia simetricamente ligada à inter-relação entre indivíduos. Percebe-se que essas representações oscilantes ocorrem na medida em que o reconhecimento remete aos pontos incomuns dos grupos, assim, as representações recriam-se na própria estrutura social, reconhecendo as diferenças existentes entre os grupos e dentro de um mesmo grupo social.

A brasilidade apresenta-se dinâmica e proativa, baseada no comportamento receptivo e na sociabilidade representada nas boas ações, delimitando perspectivas construídas sob relações interpessoais dentro do grupo social.

Reconstruir identidades onde a diversidade mantém a vitalidade dinâmica dos processos sociais requer tempo, medidas para flexibilizar as relações e distinção dos objetivos comuns ao grupo, um dos norteadores das representações. Observa-se nos depoimentos que algumas pessoas ainda não equilibram a identidade local com os comportamentos híbridos transfronteiriços.

IF29 - *Tem alguns que são cordiais e outros que querem ser tratados como turistas*;

IF30 - *se acham por falarem o “enroles”.*

Talvez esta dualidade represente o comportamento do setor comercial regional, pois retrata inadequação majoritariamente no tratamento e nas interações. Esse comportamento fica evidente na reação negativa diante daqueles que apresentam traços que o identifiquem com o comportamento atribuído ao outro grupo, como fica registrado nas assertivas acima.

Para além dos aspectos já mencionados, expressões como *sem malícia, mais educados, consomem mais, tratam com respeito, se eles acertam eles cumprem, tem uns brabo, tem uns racistas*, utilizadas tanto na definição de *guianenses quanto de brasileiros* se sustentam na diferença com o outro, são mediadas pelas práticas sociais e reveladas no plano linguístico. Assim o *sem malícia* se constrói pela contraposição ao *com malícia*, os *mais educados* se constroem pela existência dos *menos educados*, os que acertam e cumprem pelos que acertam e não cumprem, bem como *uns racistas*, designa alguns dentro de um conjunto maior de não racistas.

Em resposta à quinta questão que visava descrever a diferença entre o brasileiro e o guianense na fronteira franco-brasileira, a partir da questão “o que diferencia o brasileiro do guianense na fronteira franco-brasileira” delimitamos as principais características em aspectos como: educação, economia e condições de trabalho, língua e comportamento.

Quadro 3 – Diferenças entre brasileiros e guianenses - Educação

| |
|--|
| <i>IF01- A educação do francês é melhor do que a do Brasil, educação;</i> |
| <i>IF06- Educação, mal educados (brasileiro);</i> |
| <i>IF07- A educação, a sutileza, a condição financeira;</i> |
| <i>IF08- Educação, o Francês respeita mais do que o brasileiro;</i> |
| <i>IF16- Educação, a renda dele é melhor que a nossa, eles vivem administrado pela França, então ele tem essa sorte;</i> |
| <i>IF21- Tem mais oportunidade que nós, os franceses são mais educado que nós;</i> |
| <i>IF32- Educação, eles possuem uma educação melhor que a nossa, eles tem mais preferência, tem mais prioridade que nós;</i> |
| <i>IF34- Tem mais privilégios, mais oportunidades, o estudo é melhor, o trabalho é bom pelas horas de trabalho que não são iguais;</i> |

Neste primeiro componente, a educação desempenhou maior destaque, tida como a diferença mais recorrente entre brasileiros e guianenses na fronteira. A representação do guianense desenvolvida na fronteira surge a partir da imagem elaborada sobre o território e sua governança, cujos habitantes são “bem auxiliado pelo governo francês”, desfrutam de melhor “qualidade de vida” mesmo em uma região periférica pertencente à França, enquanto no lado brasileiro como já citado o governo vem deixando de lado políticas públicas efetivas no município, até mesmo o ensino da língua francesa para os trabalhadores dos setores comerciais é pouco explorado. Essa representação comporta elementos concretos, simbólicos e ideológicos (SÊGA, 2000), tornando comum a presença de brasileiros frequentando a escola em Saint Georges, fato extremamente consolidado, expresso pela representação social disseminada na fronteira franco-brasileira de que a educação dos guianenses é melhor.

A representação socioeconômica de guianenses pode refletir problemas sociopolíticos dos brasileiros e elevar cada vez mais a representatividade construída no contexto fronteiro, reforçando consideravelmente as relações comerciais entre ambas as populações. Assim, a segunda diferença mais importante fica por conta do aspecto econômico e as condições de trabalho.

Quadro 4 – Diferença entre brasileiros e guianenses – economia e trabalho

| |
|---|
| IF03- <i>Condição financeira (dinheiro), brasileiros são mais econômicos, guianenses são organizados, fatores geográficos e históricos;</i> |
| IF15- <i>Guianenses são mais bem assistidos pelo estado, mais felizes e tranquilos;</i> |
| IF16- (...) <i>a renda dele é melhor que a nossa, eles vivem administrado pela França, então ele tem essa sorte;</i> |
| IF27- (...) <i>guianenses pedem descontos, brasileiros são mais seletivo, só compram como patrão, guianenses compram com outros funcionários;</i> |
| IF30- <i>Guianenses não dão desconto para os brasileiros, já quando chegam no Brasil querem descontos;</i> |
| IF34- <i>Tem mais privilégios, mais oportunidades, o estudo é melhor, o trabalho é bom pelas horas de trabalho que não são iguais;</i> |
| IF37- <i>Guianenses pesquisam, brasileiros já compram direto, guianenses compram mais meios de transporte.</i> |

Elaborado pelos autores

Esses resultados expressam a representação econômica que abarca desde as melhores condições econômicas dos guianenses que seriam melhor amparados pelo governo francês, teriam melhores condições de trabalho, até o comportamento enquanto cliente, que valorizaria a compra, pedindo desconto, pesquisando, etc.; na contramão dessa percepção, o brasileiro é visto como impulsivo e pouco econômico, ainda que não tenha as mesmas condições financeiras.

A língua foi identificada como terceira diferença marcante. As respostas continham as expressões que seguem.

Quadro 5 - Diferença entre brasileiros e guianenses – língua e comportamento

| |
|--|
| IF02- <i>Acolhimento, língua e comportamento;</i> |
| IF10- <i>Língua, o jeito de tratar as pessoas, educação;</i> |
| IF13- <i>Língua;</i> |
| IF14- <i>Modo de fala, a responsabilidade, respeito, caráter;</i> |
| IF17- <i>Linguagem, físico, comportamento e questões financeiras;</i> |
| IF18- <i>A língua;</i> |
| IF24- <i>Idioma e são mais simpáticos;</i> |
| IF33- <i>Aspectos financeiros, língua (idioma) e comportamento;</i> |
| IF35- <i>Cultura, língua.</i> |
| IF04 - <i>Guianenses são mais acomodados, brasileiros são proativos, brasileiros absorveram a cultura guianense.</i> |
| IF20 - <i>O modo de ser, a receptividade, os brasileiro ajudam, os guianenses não.</i> |
| IF30 - <i>Guianenses não dão desconto para os brasileiros, já quando chegam no Brasil querem desconto.</i> |

Elaborado pelos autores

A representação linguística configurou-se na terceira principal diferença entre brasileiros e guianenses, referimo-nos à língua como fator demarcador territorial, identitário e representativo, logo, a língua torna-se fronteira entre populações e define a comunicação intergrupar. Observa-se que no contexto da fronteira franco-brasileira, a língua é vista como diferencial tanto no aspecto sistêmico, como também no modo como ela se apresenta no uso diário. Assim, a língua francesa está associada ao bom trato das pessoas, ao respeito, à cordialidade, à simpatia, assumindo assim seu aspecto dinâmico e interativo que caracterizam as representações coletivas (BOUDREAU, 2009).

A língua circula na identidade fronteiriça e consolida o sentido de pertencimento grupar presente entre as exposições sociais. Também é motivo para diferenças, ressaltamos que as línguas estabelecem relações e, ao mesmo tempo, dissensões entre as comunidades. Na fronteira a aprendizagem da segunda língua decorre da tentativa de promover boas relações, sejam elas sociais ou econômicas e dessa maneira, os indivíduos tentam falar a língua uns dos outros ou se cria a língua de contato, construída a partir da necessidade de comunicação comum aos grupos sociais, bem como dos objetivos estabelecidos pelas necessidades intergrupais.

Outro aspecto relevante diz respeito ao comportamento entre grupos, e às atividades laborais. Conforme pode-se observar, da mesma forma que nas caracterizações individualizadas os guianenses são percebidos como mais educados e com mais recursos financeiros, o brasileiro é visto como mais trabalhador, como aquele que se adapta mais facilmente às situações e mais

receptivo para a comunidade fronteiriça, reforçando as representações elaboradas em torno do ser brasileiro e ser guianense na fronteira.

Cabe destacar ainda que as representações elaboradas sobre si e sobre o outro surgem na própria estruturação do dizer, no como dizer e nas escolhas lexicais adotadas. A representação da identidade do brasileiro da fronteira franco-brasileira se constrói baseada no jogo da diferença entre os fronteiriços e os demais, em diversos níveis: fronteiriços e brasileiros em geral; fronteiriços e brasileiros que moram na Guiana francesa; fronteiriços e franceses / guianenses. Nessas construções sociolinguísticas, através das quais os falantes incluem-se ou excluem-se, os habitantes da fronteira são demarcados pelo *nós* e pelo *a gente*, os brasileiros em geral são *o brasileiro*, os brasileiros habitantes da Guiana Francesa, além fronteira, são *os brasileiros* e os franceses e guianenses são *eles*. Esses usos recorrentes marcam tanto uma categorização quanto um distanciamento entre grupos sociais e nacionais distintos.

Finalmente, no plano verbal, observou-se que os termos utilizados para a definição de franceses e guianenses se vinculam amplamente ao plano do *ter*, da posse, ao material, ao concreto. O processo de significação do sujeito parece relacionar a identidade às coisas ou bens que este possui. Os brasileiros, por sua vez, são relacionados amplamente ao *ser*, ao plano afetivo simbólico, cujos valores imateriais surgem em primeiro plano, como uma forma de reação ao não ter e ao não poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui proposto possibilitou compreender que a representação elaborada em torno da identidade fronteiriça na região de Oiapoque e Saint-Georges está fundamentada em aspectos múltiplos, dentre os quais os econômicos, sociais, comportamentais, culturais e linguísticos. O ambiente multicultural em que se inserem brasileiros e guianenses naquela zona limítrofe exacerba os sentimentos nacionalistas, ao mesmo tempo em que expõe as diferenças socioeconômicas e socioculturais entre as comunidades.

Se por um lado os brasileiros se sentem privilegiados por desfrutarem da convivência com a diversidade linguística, cultural e até monetária, por outro, os limites político-administrativos que a fronteira impõe descortina o sentimento de desigualdade, segundo a forma como são tratados na fronteira oposta. A percepção do brasileiro como “trabalhador” aparece como sustentáculo da imagem social do sujeito que busca trabalho nas terras vizinhas. A representação do brasileiro cortês, gentil e acolhedor, porém mal-educado, constrói-se pela diferença com o outro, que é visto pelo parâmetro contrário, descortinado tanto pelas escolhas lexicais quanto pela construção do modo de dizer.

Na fronteira Oiapoque – Saint Georges, o brasileiro representa-se como o trabalhador que serve e mercantiliza e o guianense como o comprador abastado e exigente, cuja postura julgada preconceituosa é relevada em função do benefício econômico que se pode aferir. Assim, na ausência de parâmetros equitativos nas

relações sociais e econômicas, o sistema fronteiroço consolida-se e molda aqueles que se inserem no ambiente da fronteira. Ali, alguns demarcadores sociais como a língua, a cultura e a economia modelam os indivíduos e os tornam parte da engrenagem sistêmica delimitando práticas e comportamentos que marcam as identidades nacionais e a própria identidade fronteiroça.

Observou-se neste estudo que as relações desiguais, entrelaçadas nos padrões socioculturais evidenciam representações configuradas em três padrões: os positivos, que apenas apontam as vantagens das relações fronteiroças, os negativos que notabilizam apenas as desvantagens e os mistos que reconhecem as diferenças e são capazes de identificar vantagens e desvantagens para ambos os lados.

Finalmente, pode-se dizer que a identidade fronteiroça é constituída e afetada pela diversidade, que contempla a própria pluralidade de brasileiros vindos de diversas regiões do país e de estrangeiros que regularmente estabelecem contato, reformulando os ideários de uma identidade nacional e o sentimento de pertencimento, ao mesmo tempo em que geram interferências identitárias, tornando-a cada vez mais híbrida a medida que a aquisição da língua de prestígio (o francês) também promove absorção de novos padrões comportamentais que colocam em xeque o comportamento e identidade local.

Referências

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Ed. rev. e ampl. São Paulo: 70/Almedina, 2011.
- BARROCO, Maria Lucia Silva. Trabalho, ser social e ética. In: *Ética e Serviço Social: fundamentos ontológicos*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- BERTONI, Luci. M.; GALINKIN, Ana. L. Teoria e métodos em representações sociais. In: MORORÓ, et al. (orgs). *Notas teórico-metodológicas de pesquisas em educação: concepções e trajetórias* [online]. Ilhéus, BA: EDITUS, 2017, pp. 101-122.
- BRAZ. Evódia de Souza. *Línguas e Identidades em Contexto de Fronteira Brasil / Venezuela*. Campinas: [s.n.], 2010.
- BOUDREAU, Annette. *A construção das representações linguísticas na acádia*. Trad. Ana Lúcia Silva Paranhos. Interfaces Brasil /Canadá, Rio Grande, n. 10, 2009.
- CALVET, Louis-Jean. *Pour une écologie des langues du monde*. Paris: Plon, 1999.
- CANDAU, Vera Maria. *Sociedade, educação e cultura (s): questões e propostas*. Editora Vozes, 2002.
- CASTELLOTTI, Veronique; MOORE, Danielle. *Représentations sociales des langues et enseignement*. Étude de référence. Division des politiques linguistiques, Conseil de l'Europe, Strasbourg, 2002.
- DAY. Kelly Cristina Nascimento. *Fronteiras linguísticas e fronteiras políticas: relações linguísticas e sociohistóricas na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa*. Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Dossiê: Língua em uso nº 47, p. 163-182.2013.

DAY, Kelly Cristina Nascimento. *A Situação Sociolinguística da Fronteira Franco-Brasileira: Oiapoque & Saint Georges*. Rio de Janeiro, RJ, 2005. 106 p. Dissertação (mestrado em Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC - Rio.

GUEUNIER, Nicole. *Représentations linguistiques*. In: MOREAU, Marie-Louise. *Sociolinguistique, concepts de base*. Sprimont: Mardaga, 1997, p. 247-250.

GUISAN, Pierre. Língua: a ambiguidade do conceito. In: BARRETTO, Mônica Maria Guimarães Savedra; SALGADO, Ana Claudia Peters (Orgs.). *Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas de/em contato*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009, p. 17-27.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pósmodernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende ... et al. - Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

IBGE- Estado do Amapá. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ap/oiapoque.html>. Acesso em 20 maio de 2020.

IVANIC, Roz, *Writing and Identity: the discursual construction of identity in academic writing*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins BV, 1998.

JODELET, Denise. *Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

JODELET, Denise. *Place de l'expérience vécu dans le processus de formation des représentations sociales*. Les Presses universitaires de Rennes, 2006, p. 235-255.

JODELET, Denise. *Représentation sociale: phénomène concept et théorie*. In: *psychologie sociale*. Paris: PUF, 1990.

KIESLING, Scott F. Constructing identity. In: CHAMBERS, J. K.; SCHILLING, Natalie (eds.), *The handbook of language variation and change*. 2 ed. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2013, p. 448-467

MEO, Guy. "Le Territoire: un concept essentiel de la géographie sociale". *Les documents de la maison de la Recherche en Sciences Humaines de Caen*, no 7 (colloque de Géographie sociale de Caen, Octobre, 1996), 1998.

MINAYO, Maria. C. S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MAHER, Terezinha de Jesus Machado. *Ser professor ser índio: questão de lingua(gem) e identidade*. Tese (Doutor). Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Campinas – SP. 1996.

MOW. *The meaning of work*. London: Academic Press, 1987.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. *Economia Política: uma introdução crítica*. v. 1. Coleção Biblioteca Básica de Serviço Social. São Paulo: Cortez, 2006.

PENNA, M. Relatos de imigrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

PORTO, Jadson. L. R.; SILVA, Gutemberg. V. Novos usos e (re)construções da condição fronteiriça amapaense. In: *Novos Cadernos*, Belém, 12 (2), p. 253-297. Dez. 2009.

RIBEIRO, Celeste M. da R. Contato linguístico em Oiapoque: algumas considerações sobre a língua portuguesa l2 dos falantes franceses. *Letras escreve*, Unifap, v. 6, n. 2, 2016.

SÊGA, Rafael. A. *O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici*. Anos 90, Porto Alegre, nº 13, julho de 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013b, p. 73-102.

Para citar este artigo

LEMOS, Geovane Maciel; DAY, Kelly Cristina Nascimento. Representação e identidade fronteiriça: um estudo na fronteira franco-brasileira. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 9, n. 3, p. 992-1018, set.-dez. 2020.

Os autores

Geovane Maciel Lemos é graduando em Letras português-francês pela Universidade do Estado do Amapá. O presente artigo é fruto de pesquisa realizada como bolsista PIBIC do CNPQ.

Kelly Cristina Nascimento Day é doutora em Estudos da Linguagem, professora adjunta da Universidade do Estado do Amapá, líder do Grupo de Pesquisa LINLIS e coordenadora do projeto de pesquisa Estudos da paisagem linguística Amazônica Amapaense: Políticas, ecologias linguísticas e semióticas da fronteira Franco-Brasileira.